

A importância do desenvolvimento da consciência racial: O papel da escola pública na luta antirracista

Hugo Matheus Rodrigues de Lima¹
Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno²

INTRODUÇÃO

Devido o Brasil apresentar de acordo com o filósofo brasileiro Silvio Almeida o racismo em sua estrutura e em suas instituições, se faz necessário o debate sobre as realidades raciais com os alunos. O segundo trabalho apresentará as justificativas da importância de debater as realidades raciais do Brasil com os alunos.

Desenvolvendo o artigo serão apresentadas as influências do racismo estrutural e racismo institucional elaborados por Silvio Almeida, sobre as subjetividades, e a importância da prática da lei nº 11.645 de 10 de março de 2008, que torna obrigatório o ensino da cultura e história indígena e afro-brasileira nas escolas.

A falta de consciência racial em um país que apresenta um modelo de racismo tão sofisticado como o Brasil faz com que as próprias populações atacadas não tenham instrumentos para refletirem e assim mudarem suas realidades. Mesmo assim as populações negras e indígenas continuam resistindo para manterem suas histórias, culturas e territórios, mesmo sob a influência direta do genocídio, embranquecimento e apropriação cultural e territorial.

Ao longo do tempo filósofos acadêmicos e orgânicos foram surgindo para defender os direitos dessas populações. Serão citados(as) ao longo do artigo alguns que contribuem para a explanação do tema. O primeiro deles é o ilustre Abdias Nascimento (1914-2011) que fez tal afirmação sobre a estilo de racismo apresentado no Brasil e a influência desse sistema nas subjetividades:

“Um racismo de tipo muito especial, exclusiva criação luso-brasileira: difuso, evasivo, camuflado, assimétrico, mascarado, porém tão implacável e persistente que está liquidando os homens e mulheres de ascendência africana que conseguiram sobreviver ao massacre praticado no Brasil. Com efeito, essa

¹ Graduando do Curso de **história** da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, hmrodriguesdelima@gmail.com;

² Professor Doutor da Universidade Estadual da Paraíba – PB, joãobgbueno@hotmail.com

destruição coletiva tem conseguido se ocultar da observação mundial pelo disfarce de uma ideologia de utopia racial denominada “democracia racial”, cuja técnica e estratégia tem conseguido, em parte, confundir o povo afro-brasileiro, dopando-o, entorpecendo-o interiormente ; pois que lhe barra qualquer possibilidade de autoafirmação com integridade, identidade e orgulho” (NASCIMENTO, 2019, p 34-35)

O modelo de racismo à brasileira descrito por Abdias é tão bem arquitetado que faz com que as próprias populações afetadas são compreendam plenamente o tamanho da destruição imposta a elas, contudo, com um Orí muito consciente das situações impostas a populações negras e indígenas do Brasil, Abdias abre caminhos epistêmicos e artísticos para elaborações de conhecimentos que façam com que pessoas negras tendo contato com suas obras possam ter orgulho de quem são e complementarmente lutarem por seus direitos, com uma força ancestral.

O doutor e pós-doutor em direito Silvio Almeida contribui imensamente quando afirma que o racismo no Brasil é estrutural, ou seja, não é algo simples e superficial, mas está intrínseco na espinha dorsal do Brasil. O racismo constitui cada milímetro deste país.

“Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA, 2019, p 50)

Se o racismo à brasileira é camuflado, como afirma Abdias, e estrutural, de acordo com Silvio Almeida, qual o papel da escola, principalmente pública, para com o racismo à brasileira? A filósofa brasileira Djamila Ribeiro é de grande ajuda quando escreve que: “Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade invisível.” (RIBEIRO, 2019, p 41)

Se o espaço da escola não é utilizado para denunciar o racismo, é nesse espaço que ele também será reproduzido cotidianamente, já que “as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (NASCIMENTO, 2019, p 47) . Desde o não cumprimento

da lei nº 11.645 de 10 de março de 2008 até como o racismo influencia na evasão escolar.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Partindo da realidade de que a instituição escolar tem em sua composição o racismo, pois reproduz os modelos da sociedade que é estruturalmente racista, é necessário primeiro o letramento racial de todos os funcionários da escola, para em seguida ser dado início aos debates nas aulas orientados pelos professores que possibilitem os alunos desenvolverem uma consciência racial.

Não apenas o corpo docente deve participar do letramento racial anterior aos alunos, já que o racismo como se dá de forma normalizada, ocorre em todos os espaços da escola, e atravessa cada um dentro dela de formas diferentes.

Cada professor(a) deve ensinar como as epistemologias desenvolvidas pelas populações negras e indígenas auxiliam no debate dos assuntos propostos em sala de aula, como é a interpretação de tal assunto dentro das comunidades não brancas etc. Esquematizar em todos os assuntos qual o posicionamento dos povos negros e indígenas para com as temáticas propostas, faz com que os(as) alunos(as) percebam que a epistemologia ocidental branca não é universal, natural e única, que existem outras formas de perceber o mundo que não a hegemônica, fazendo assim que os(as) alunos(as) não brancos(as) tenham contato com epistemologias que afetem diretamente de maneira positiva suas vidas e também os liguem com suas ancestralidades como potência.

Depois disso ouvir os relatos dos(as) alunos(as) para saber como eles sentiram o tema abordado. Se eles(as) tinham noção que suas identidades raciais exercem tanta influência em suas vidas. O assunto não será totalmente digerido no período de uma aula, pois provocar o questionamento dos(as) alunos(as) a partir de suas realidades é o mais importante, então é algo que deve ser contínuo no âmbito educacional.

O(a) docente deve pensar nas identidades raciais presentes no Brasil no âmbito da coletividade, e quando cabível ao tema da aula, demonstrar porcentagens do IBGE que auxiliem no debate. Qual a porcentagem de pessoas indígenas e negras que estão em cargos políticos comparadas as pessoas brancas? Qual o número de assassinatos de pessoas indígenas e negras comparadas as pessoas brancas? Qual a porcentagem de

pessoas negras e indígenas em estado de extrema pobreza e insegurança alimentar comparada as brancas? Etc..

Não só alunos(as) não brancos(as) serem beneficiados(as) com o desenvolvimento da consciência racial, já que as populações brancas tendem a acreditar que suas posições sociais também são naturais e não histórica e politicamente construídas, beneficiando-os assim a não reproduzirem o racismo à brasileira, e proporcionando oportunidades de novas formas de ligação consigo mesmo e com os outros a sua volta.

Explicar que esses fatores não são naturais e imutáveis, e sim histórica e politicamente construídos e assim sendo, podem ser também modificados. É preciso desenvolver a consciência racial principalmente no Brasil para não apoiar ideias e políticas que visam o genocídio das populações indígenas e negras. Um aluno negro sem consciência racial por exemplo, pode apoiar políticas que afetem diretamente de maneira negativa sua própria realidade, pois se apega ao senso comum desenvolvido pela branquitude que tem como meta também o desligamento de posicionamentos políticos desses indivíduos para com o meio que vivem.

REFERENCIAL TEÓRICO

O artigo foi inspirado na metodologia que o professor Molefi Kate Asante intitula de afrocentricidade, que tem como principal intenção a pesquisa sobre as realidades das populações negras em quaisquer tempo e espaço e utilizando como base as sabedorias amparadas em África e produzidas pelos povos negros não só no continente mãe, mas também em todas as diásporas africanas.

A afrocentricidade é uma metodologia que utilizado outros referenciais de pesquisa que não os amparados na cosmovisão ocidental, não apoiando assim a hegmonia e validação do conhecimento apartir de concepções formuladas pela branquitude, compactuando com a valorização das populações negras em todo o mundo como indivíduos que refletem criticamente suas realidades, tanto apartir de aparatos academicos, como também de maneira organica afim do desenvolvimento de práticas libetárias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Que os(as) alunos(as) consigam perceber como suas realidades sociais são atravessadas pelas suas identidades raciais e desenvolvendo uma consciência racial os(as) discentes podem escapar de muitas armadilhas de manutenção da sociedade que atualiza os modelos coloniais de supremacia branca que são apresentadas no âmbito da normatividade.

Fazer com que os(as) alunos(as) negros(as) e indígenas conheçam histórias, culturas, conceitos, epistemologias desenvolvidos por pessoas negras e indígenas auxilia também no processo de empoderamento através de suas identidades tão desvalorizadas, folclorizadas e fetichizadas pelos modelos sociais hegemônicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem desenvolvimento de uma consciência racial a população brasileira continuará a compactuar com os pactos coloniais atualizados pela política atual, e a escola, principalmente pública, é um dos espaços que deve incentivar a reflexão e práticas anti-racistas. Porém não é correto afirmar que tudo se resolverá apenas com a escola nessa luta anti-racista. Como o racismo está embricado em cada milímetro da sociedade brasileira, é injusto colocar todo o peso das mudanças sobre as instituições educacionais, mas é correto afirmar que a escola tem um papel importante nessa luta contra o fim do processo de genocídio negro e indígena, não apenas material, mas também epistêmico.

Palavras-chave: Consciência, Racismo, Brasil, Escola.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES por ter mantido a Residência Pedagógica em tempos pandêmicos, pois proporcionou um aprendizado dentro de uma realidade totalmente atípica, levando a novos conhecimentos, questionamentos e abordagens. Agradeço ao Professor João Batista Gonçalves Bueno, coordenador da Residência Pedagógica por me abrir as portas a uma oportunidade tão rica de aprendizados e companheirismo.

REFERÊNCIAS

Nascimento, Abdias, 1914 -2011. O quilombismo : documento de uma militância pan-africanista / Abdias Nascimento ; com prefácio de Kabengele Munanga ; e texto de



Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. – 3.ed.rev. – São Paulo : Editora Perspectiva ; Rio de Janeiro ; Ipeafro, 2019.

Almeida, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural / Silvio Luiz de Almeida. – São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Ribeiro, Djamila. Lugar de fala / Djamila Ribeiro. – São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.